

“ONDE VIVI, E PARA QUE VIVI”: CONSIDERAÇÕES SOBRE “WALDEN, OU A VIDA NOS BOSQUES”, DE HENRY DAVID THOREAU, À LUZ DAS ASSERÇÕES DE WALTER BENJAMIN

LÓREN CRISTINE FERREIRA CUADROS¹; HELANO JADER CAVALCANTE RIBEIRO²

¹Universidade Federal de Pelotas – cuadrosloren cristine@gmail.com

²Universidade Federal da Paraíba – hjcribeiro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Publicada pela primeira vez no ano de 1854, a narrativa autobiográfica “*Walden, ou a vida nos bosques*”, de Henry David Thoreau, foi concebida a partir de um experimento realizado por seu autor: nove anos antes da publicação da obra, Thoreau havia se retirado para uma propriedade pertencente a um amigo – o transcendentalista Ralph Waldo Emerson – às margens do lago Walden, localizado nos arredores de Concord, Massachusetts, EUA. Durante o período em que habitou na floresta, o intelectual americano construiu a própria casa e móveis, além de viver exclusivamente daquilo que plantou.

O experimento de Thoreau tornou-se célebre por formular uma crítica à sociedade industrializada do século XIX e às culturas da pressa e das aparências. Por sua vez, ao desenvolver “*Passagens*”, seu famoso trabalho inacabado, o crítico alemão Walter Benjamin identificou esse período da história como um “século de sonho” do qual era necessário despertar, como indica Rolf Tiedemann (2009) no prefácio redigido para a edição alemã da obra em questão.

A observação atenta do primeiro capítulo de “*Walden, ou a vida nos bosques*”, intitulado “Economia” (THOREAU, 2018, p. 9-72), em que o autor pormenoriza os investimentos, gastos e lucros associados aos preparativos realizados com o intuito de efetivar seu experimento permite perceber que o modo deliberado de levar a vida e extrair o máximo de todas as suas experiências levado a cabo pelo autor perpassa também sua escrita, uma vez que a narrativa incorpora o registro de todos os detalhes financeiros (a fim de enfatizar a futilidade do trabalho exaustivo e do acúmulo de capital) ao mesmo tempo que os intercala com a reminiscência e as considerações filosóficas do aventureiro. No entanto, a obra como um todo sugere a necessidade de buscar uma existência mais simples e desligada do caráter de fetiche da mercadoria, devolvendo ao tempo a dimensão que detinha na Antiguidade, pois, segundo Thoreau (2018, p. 86),

o universo reage constante e obedientemente às nossas concepções; quer viajemos depressa ou devagar, o caminho já está lá pronto para nós. Passemos então mais tempo concebendo em nossa vida. O poeta ou o artista sempre tiveram essa intenção, boa e nobre, de que alguém em sua posteridade ao menos o consiga.

Nesse sentido, o presente trabalho pretende enfatizar como o texto do escritor americano alinha-se com as considerações de Benjamin, “antecipando” em quase cem anos as asserções do autor de ensaios como “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, “Experiência e pobreza” e “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, das teses sobre o conceito de

história, entre outras obras.

2. METODOLOGIA

A análise realizada teve base bibliográfica e foi desenvolvida em duas etapas. Em um primeiro momento, foram levantadas as considerações teóricas relevantes para este estudo a partir da leitura de textos de autoria do teórico alemão Walter Benjamin. Ademais, é importante destacar que, embora não tenham sido empregadas e mencionadas de maneira direta neste trabalho, as asserções do filósofo Byung-Chul Han – sobretudo aquelas presentes nas obras “Sociedade do cansaço” (2017) e “Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder” (2018) – também exerceram profundo impacto sobre a pesquisa ora apresentada. Na sequência, foram selecionados, listados e comparados excertos da obra “*Walden, ou a vida nos bosques*”, lida previamente, de modo a evidenciar a correlação traçada entre as observações feitas por Henry David Thoreau em meados do século XIX, nos EUA, e as formulações teóricas propostas por Walter Benjamin na primeira metade do século XX nas quais encontram eco.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre as considerações tecidas por Thoreau ao registrar seu tempo na cabana do lago Walden, ganha destaque a ausência do ócio e o crescente anseio da sociedade industrializada por tudo aquilo que pode ser considerado “novo”: “Difícilmente um homem cochila meia hora depois do jantar, mas quando ele acorda, ergue a cabeça e pergunta: ‘Alguma novidade?’ – como se o resto da humanidade tivesse ficado de sentinela” (THOREAU, 2018, p. 83). O consumo da notícia torna-se um hábito associado à burguesia ascendente e marca presença fortemente no cotidiano dessa classe, como se tivesse feito parte da realidade diária do homem desde os tempos mais remotos:

Após uma noite de sono, as novidades são tão indispensáveis quanto o desjejum. ‘Por favor, alguma novidade que tenha acontecido com alguém em algum lugar do mundo’ – e ele lê durante o café com pão que um sujeito teve os olhos arrancados hoje de manhã no rio Wachito [...] (THOREAU, 2018, p. 83).

Também Walter Benjamin ressalta o traço de obsolescência inerente à informação de modo geral. Segundo o autor (1987b, p. 204), “a informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele”. Em seu ensaio acerca do narrador, Benjamin (1987b) ainda salienta que a narração entrou em declínio na modernidade na medida em que foi desassociada da rotina de trabalho. Desse modo,

contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire

espontaneamente o dom de narrá-las (BENJAMIN, 1987b, p. 205).

De forma análoga, ao relatar sua experiência de trabalho manual e vida distanciada do espaço urbano na obra autobiográfica supracitada, Henry David Thoreau configura-se de acordo com o raciocínio que viria a ser desenvolvido anos mais tarde por Benjamin a respeito da figura narradora. Cada experiência e detalhe observados no ambiente que o cerca deixam uma impressão indelével nesse narrador cujo lazer e trabalho estão diretamente relacionados à natureza e às suas metamorfoses constantes. Tão valorizada por Benjamin (1987b), a dimensão prática, isto é, o conselho relevante para a posteridade que confere utilidade àquilo que é narrado apresenta-se como elemento fundamental na narrativa elaborada por Thoreau.

4. CONCLUSÕES

Em meio aos muitos conselhos – para usar a terminologia empregada por Walter Benjamin (1987b) – fornecidos por Henry David Thoreau em *“Walden, ou a vida nos bosques”* aplicáveis à contemporaneidade, é possível destacar, sobretudo, a grande necessidade de redução do ritmo das atividades diárias. Em tempos de grande crise no âmbito da saúde mental, o apelo do autor que realizou seu experimento social em meados do século XIX faz-se relevante ainda (e talvez mais do que nunca) hoje: “com nervos que não relaxam, com vigor matinal, navegue, procure outro caminho, amarrado ao mastro como Ulisses. Se a locomotiva apita, deixe que apite até ficar rouca de tanto apitar” (THOREAU, 2018, p. 86).

Por certo, diferentes fórmulas e métodos poderiam ser empregados para atingir tal objetivo e mesmo a obra analisada apresenta uma série de sugestões ao longo de suas páginas. Todavia, optamos por destacar aqui uma das mais enfáticas considerações feitas por Thoreau no texto autobiográfico ora estudado:

Passemos um dia deliberadamente como a natureza, e não nos deixemos afastar do caminho por qualquer casca de noz ou asa de mosquito encontrada nos trilhos. Levantemos cedo, em jejum, ou façamos o desjejum, delicadamente e sem qualquer perturbação; com companhia ou sem, deixemos que os sinos toquem e as crianças chorem – decididos a fazer valer aquele dia. Por que haveríamos de nos deixar abater e seguir a corrente? Não nos deixemos irritar e atordoar pela terrível corredeira, aquele redemoinho que chamam de refeição, situado nas águas rasas do meio-dia. Passe por esse perigo e estará salvo, pois o restante do caminho é ladeira abaixo” (THOREAU, 2018, p. 86).

Assim, como Ulisses amarrado ao mastro para resistir à sedução do canto das sereias, também o homem moderno necessita lutar contra si mesmo para alcançar a simplicidade e “amarrar-se” da melhor forma que puder a fim de resistir aos excessos “encantadores” do capitalismo tardio, que conduzem a uma sempre crescente exploração de si e do outro disfarçada de progresso.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987a. p. 114-119.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987b. p. 197-221.

HAN, B.C. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, B.C. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte / Veneza: Âyiné, 2018.

TIEDEMANN, R. Introdução à edição alemã (1982). Prefácio. In: BENJAMIN, W. **Passagens**. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009; p.13-33.

THOREAU, H.D. **Walden, ou a vida nos bosques**. Tradução e notas de Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Edipro, 2018.